

Entre riscos e oportunidade

Em um cenário de incertezas, permanecer forte pode significar novas possibilidades de mercado para o Brasil



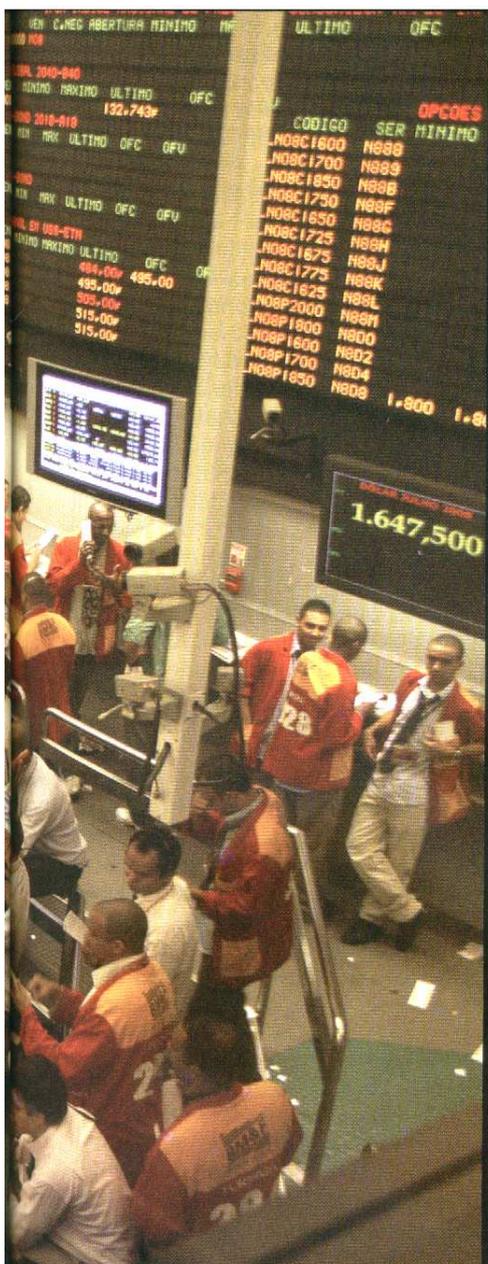
O agricultor que investiu pesado no crescimento da produção está com os cabelos em pé. Justamente em um ano em que a agropecuária brasileira planejava recordes de produção, exportação e lucratividade, a crise iniciada em setembro criou um clima nebuloso com relação ao futuro. Como a única certeza é a imprevisibilidade do que está por vir, um mundo de dúvidas surge para quem produz e, em especial, para quem produz para o mercado externo. “Devemos, no entanto, separar o momento atual de pânico total e para-

lisia de mercados, que deve ter uma duração relativamente curta, e a crise propriamente dita, que vai durar pelo menos uns dois anos”, diz o diretor técnico da AgraFNP, José Vicente Ferraz.

De acordo com Ferraz, diante da brutal volatilidade que paralisa os mercados, fechar qualquer negócio é temeroso e, qualquer que seja a circunstância, o negociante estará assumindo um risco muito alto. “Acredito que assim que o pânico passar, os negócios serão retomados, porém, num nível muito inferior aos de julho e agosto passados”, explica.

Horizonte pessimista

Este estado de paralisia aponta para horizontes pessimistas com relação às próximas safras. Alguns líderes do setor já dão como certa a retração comercial. “Quando chegar a hora de comercializar a produção, no início do próximo ano, as restrições de crédito e uma possível queda na demanda vão influenciar não apenas os preços, mas também o fluxo das exportações e do consumo interno”, aponta o presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná, Faep, Ágide Meneguette.



usando recursos próprios para financiar a produção. “Ocorre que esta próxima safra vai apresentar mercados mais retraídos, o que, na falta de recursos, vai forçar a comercialização em condições desfavoráveis. Assim, há um grande risco de prejuízos por parte dos produtores. Além disso, não podemos esquecer os compromissos por eles já assumidos com os investimentos volumosos feitos até o primeiro semestre deste ano. É necessário que o governo se antecipe ao problema, tranquilizando os produtores”.

Um pacote de medidas governamentais já está sendo tomada. Em meio ao olho do furacão, no dia 1º de outubro, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, anunciou o adiantamento da liberação de R\$ 5 bilhões para o financiamento da atual safra através do Banco do Brasil.

Posteriormente, no dia 14 de outubro, em reunião extraordinária, o Conselho Monetário Nacional, CMN, mudou as regras para a captação de recursos para o financiamento rural, em busca de mais liquidez para o mercado pela oferta de crédito. A mudança ocorreu na porcentagem de recursos do direcionamento obrigatório dos depósitos à vista nas contas correntes, que passou de 25% para 30%.

A medida é temporária – será válida até junho de 2009 – e, segundo cálculos do governo, deverá disponibilizar mais R\$ 5,5 bilhões. A ação é parte de um pro-

grama de compulsórios anunciado pelo Banco Central no dia 13 de outubro, com liberação de R\$ 100 bilhões. “Não gosto desta numerologia. Em primeiro lugar, esse é o volume ‘colocado à disposição do setor’, mas ele será efetivamente emprestado? Vai chegar a tempo? Não adianta chegar depois que se perdeu a janela de plantio ou chegar a verba para o inseticida depois que a praga já destruiu a lavoura. Em segundo lugar, o financiamento efetivo do setor tem outras fontes importantes. Como vão se comportar essas fontes? Conforme o comportamento das mesmas, o montante pode ser muito bom ou totalmente insuficiente”, contesta José Vicente Ferraz, da AgraFNP, lembrando a existência de um passivo dos produtores representado por dívidas acumuladas em safras anteriores.

De acordo com ele, o grande impacto de uma eventual falta de recursos ocorrerá na dificuldade para o financiamento de custeio da agricultura e no crédito para as exportações, que podem afetar o volume de embarques do setor. Por ser menos dependente de financiamentos, os problemas para a pecuária, em especial a bovina, deverão ser menores.

No caso do financiamento de custeio, segundo Ferraz, ele poderá acarretar dois efeitos “perversos”. Um deles é a retração da área de plantio. “Embora eu acredite que quase todos os produtores já compraram as sementes para a safra de verão, por isso, dificilmente poderão reduzir a

Ponto-chave dos efeitos da crise, os problemas de fornecimento de crédito poderão gerar estragos profundos no saldo da safra 2008/09. A grande maioria dos produtores firmou seus compromissos com base no cenário pré-crise, que apontava para um panorama de produtividade e lucros recordes.

As grandes empresas que atuam junto ao produtor, tanto fornecedoras quanto compradoras, estão reduzindo sua exposição no Brasil, segundo o professor Geraldo Barros, coordenador do Cepea. Ele relata que muitos produtores rurais estão



Soja: futuro incerto com o preço do bushel em queda na Bolsa de Chicago



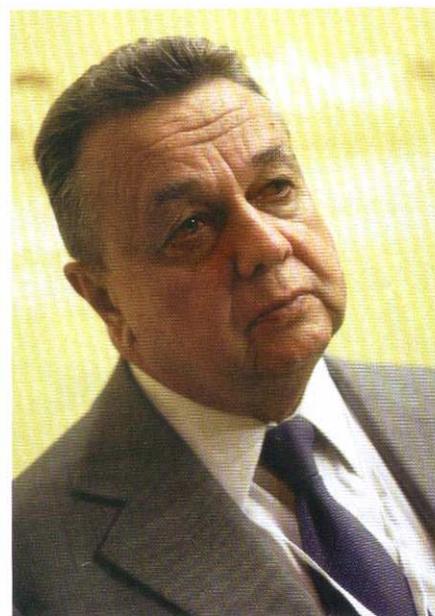
Marcos Jank: "O brasileiro já está acostumado a conviver com ambientes hostis"

área plantada ainda nesta safra", disse. O outro é a redução do pacote tecnológico, em especial o fertilizante, que deverá afetar negativamente a produtividade. "No entanto, é difícil fazer qualquer previsão sobre quanto será", cita Ferraz.

O presidente da Faep, Ágide Meneguette, porém, não tem dúvidas. "Seguramente, a próxima safra será menor que a deste ano pelas restrições de crédito e pelo aumento no custo de produção, principalmente por causa dos preços dos fertilizantes", avalia.

Crédito difícil

Entre tantos problemas e incertezas, saldar as dívidas torna-se imprescindível para quem precisa de crédito. Segundo Geraldo Barros, do Cepea, há uma massiva renegociação dos produtores sob o viés da Medida Provisória 432 – a chamada "MP do Endividamento". "Há grande interesse dos produtores em regularizar sua situação perante os credores, principalmente diante



das dificuldades previstas em decorrência da crise financeira mundial. Haverá redução de encargos devidos a atrasos e dilatação de prazos para a quitação do saldo devedor, com redução de juros e descontos. Trata-se de uma oportunidade que os produtores que se enquadrarem nos pré-requisitos não poderão perder, embora nada garanta que os problemas vão se acabar", diz o professor Barros.

O acesso ao crédito, porém, não tem sido tão fácil, segundo Ágide Meneguette. "Alguns produtores têm tido o dissabor de verificar que, mesmo com a renegociação da dívida, ou seu limite de crédito caiu ou a agência se nega a lhe dar um novo financiamento", afirma. Para contornar a situação, no dia 15 de outubro o Banco Central distribuiu a Carta-Circular nº 3.345, um documento que reclassifica o grau de risco de agricultores que renegociaram suas dívidas, tornando-os aptos a novos financiamentos.

Apesar das críticas de diversos órgãos da agricultura nacional em torno da burocracia para a liberação de crédito, Geraldo Barros defende que o governo tem-se movimentado com rapidez para preencher as lacunas deixadas pelas multas e tradings, tradicionais fornecedoras de crédito, que retraíram suas ações desde o início da crise por falta de capital de giro. "Os produtores assumiram pesados compromissos face às perspectivas que vigoraram até o primeiro semestre deste ano e terão que enfrentar dificuldades na comercialização, a começar com o excedente de milho. Serão necessários recursos para estocar e dar continuidade às exportações na próxima safra", aponta Barros. "Embora as perspectivas de curto prazo não sejam animadoras, as de médio prazo mostram boas possibilidades, com forte demanda externa e interna. Os investimentos cadenciados continuam sendo recomendados, com olho no longo prazo, sem depressão nem euforia", afirma.

Além disso, segundo Marcos Jank, presidente da União da Indústria de Cana-de-açúcar, Unica, o brasileiro já está acostumado a conviver com ambientes hostis, como o que encontra internamente. "Como temos taxas de juros altas e uma economia instável, as empresas aprenderam a não depender dessas grandes 'bicicletas' de financiamento, de títulos e outros", explica.

Roberto Rodrigues: "Em tempos de guerra, você precisa usar todas as armas que tem em mãos"

Dólar favorável

Pouco antes do estouro da crise, em fins de agosto, o dólar seguia em patamares estáveis, negociado a R\$ 1,63. Raramente ultrapassava esse índice, o que provocava a fúria dos exportadores brasileiros com relação à política cambial. Certamente nenhum dos críticos apostava no que estava por vir.

Uma quinzena depois, já com o anúncio da falência do banco americano Lehmann Brothers (um dos marcos iniciais da crise), o dólar saltava para R\$ 1,807 e bolsas em todo o mundo começaram a registrar quedas. Só no mês de outubro, a Bolsa de Valores de São Paulo, Bovespa, recorreu quatro vezes ao *circuit breaker*, um dispositivo previsto em seu regulamento que paralisa as operações quando os negócios acumulam uma baixa superior a 10%.

Em um momento de pânico no mercado, o dólar chegou a R\$ 2,53, o que acabou exigindo uma intervenção do Banco Central com leilão de dólares à vista, algo que não ocorria desde 2003. A cotação do dólar encerrou esse dia valendo R\$ 2,45.

Pouco a pouco o mercado parece se acalmar com relação ao câmbio. A moeda norte-americana, embora ainda em cenário agitado, oscila a taxas um pouco menores do que no estopim da crise, cotado em torno de R\$ 2,10 em meados de outubro.

Em teoria, era tudo o que o produtor brasileiro esperava. Isso, se não houvesse quedas também nas commodities. Para se ter uma idéia, a *bushel* de soja negociado na Bolsa de Chicago atingia patamares de US\$ 16,60 no dia 3 de julho e no dia 15 de outubro, no entanto, o mesmo *bushel* era negociado por US\$ 8,50.

"Ainda está cedo para dizer em qual patamar ficará o dólar, mas ficou claro que a política cambial do governo não quer que ele se descole da faixa de R\$ 2,00. Vai depender de como os recursos externos retornarão ao Brasil. Se vierem em grande volume, continuaremos a ter um dólar reprimido, o que não deverá acontecer no curto prazo", apontou Antoninhoarmo Trevisan, diretor da Trevisan Escola de Negócios.

Isto aponta para uma espécie de compensação à alta do dólar. "Não tenho dúvidas de que os preços vão cair em dólares. Agora, se o setor vai ser beneficiado ou prejudicado, depende, como é óbvio, de quanto o câmbio venha a se desvalorizar", afirma José Vicente Ferraz, da AgraFNP.

Caso o impacto seja positivo, a sustentação de preços em reais será maior para o exportador, com eventual inflação interna. No caso de um impacto negativo, ou seja, queda dos preços em dólar proporcional-

mente maior que a valorização da moeda norte-americana, haverá uma perspectiva de grandes dificuldades para o produtor, com um provável aumento na inadimplência e queda de produção nas próximas safras.

No caso de uma queda na cotação do dólar aos patamares antigos, o problema será ainda maior. "Se o dólar cair, o produtor terá plantado uma safra com o dólar em alta e deverá colher com dólar em baixa – será um desastre completo!", adverte o diretor da AgraFNP.

O fato é que o mercado nunca mais será o mesmo. De acordo com Antoninho Trevisan, fatalmente os instrumentos que funcionavam artificialmente, como as barreiras e os subsídios, serão rediscutidos, já que a atual crise decorre justamente dessas intervenções, que desequilibraram o processo natural de trocas. "Não sei se será o fim dos subsídios, mas as mesas de negociações não serão mais as mesmas. Os valores que até então foram colocados se mostrarão frágeis frente à atual situação. Depois dessa crise, ninguém chegará à mesa da Organização Mundial do Comércio defendendo subsídios com a mesma força".

Oportunidade com cautela

Por se tratar de uma questão mundial, alguns analistas tratam a crise não como um problema, e sim como uma oportunidade de negócios. "Várias safras em todo o mundo poderão quebrar com esta crise. Com a retração de negócios entre algumas nações, surge a oportunidade de abriremos novos mercados. Ou você joga positivamente ou você espera e morre", preconizou o ex-ministro da Agricultura e coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Rodrigues. Para isso, ele defende duas frentes de atuação: uma focada nos agricultores e outra, nas ações do governo em prol da renda do campo.

Por parte dos agricultores, o ministro sugere a retração da produção, o que pode pressionar o mercado. Diante de uma produção com altas seqüentes nos custos, os cortes acabam sendo inevitáveis. Nesse sentido, o agricultor deveria "dar o passo conforme a perna", plantando o que for possível com emprego de tecnologia, para evitar perdas.

No caso do governo, o fortalecimento da produção viria pela reformulação da Política de Garantia de Preços Mínimos. Segundo Rodrigues, é uma forma de evitar o endividamento e a descapitalização do produtor, que provavelmente contará com safras menores nos próximos anos. Para is-



so, o governo precisaria rever os atuais preços mínimos, que estão defasados em relação ao custo de produção. "Pessoalmente eu sou contra a intervenção do Estado, mas agora é guerra, e em tempos de guerra você precisa usar todas as armas que tem em mãos", aponta o ex-ministro.

Outros, porém, não vêem com bons olhos a política de preços mínimos. "Preço mínimo não satisfaz produtor nenhum; ninguém planta para colher com preços mínimos", diz José Vicente Ferraz, da AgraFNP. Para esta safra, segundo o consultor, já não há mais o que possa ser feito. "Infelizmente para o produtor, no momento, a margem de manobra é muito pequena. No máximo,

pode-se tentar evitar qualquer tipo de endividamento", ressalta. "Nas próximas safras, ele tem que avaliar friamente as condições de mercado e, se for o caso, reduzir a área plantada, mas resistir a reduzir a produtividade. Ele também deve estar atento para aproveitar eventuais oportunidades para realizar operações de *hedge*."

No fim das contas, o que todos os especialistas e líderes do agronegócio brasileiro defendem é a necessidade de cautela na hora de produzir e fechar novos negócios. "O rescaldo desta crise financeira ainda vai demorar muitos meses até que tudo volte ao normal", diz o presidente da Faep, Ágide Meneguette. 

